

EDITORIAL

A apresentação deste segundo número da **Revista Práxis Educacional** tem uma preocupação precípua com a articulação entre educação, história, filosofia, sociologia... efetivando o próprio sentido da práxis educacional.

Priorizamos convidar para uma breve entrevista o professor Paolo Nosella, que analisa importantes temas que fizeram parte da formação dos educadores brasileiros no último quartel do século XX e nos presenteia com uma espécie de “inventário crítico” sobre o sentido de categorias centrais. Na contramão de esquemas de pensamentos e análises que sintetizam hoje a educação brasileira, tais como competência, escola, qualidade e educação, Nosella nos faculta o reencontro com conhecidas discussões, mas sob novos olhares, à luz da história.

No leque de artigos aqui publicados, apresentamos uma ampla diversidade de abordagens. O professor Marcos Jorge, com “Apontamentos sobre a técnica de periodizar” discute a problemática da periodização na história da educação brasileira, levando em conta aquilo que se constitui como um *continuum* humano. Este autor faz um importante trajeto sociológico que vai da reflexão de historiadores que pensaram tal problemática, desde a perspectiva do materialismo histórico até a *Nouvelle Histoire*.

No artigo intitulado “A compaixão na história: atributo antropológico e ocultamento”, Ileuza Costa Cardoso e Marta Maria

Amorim Silva, partindo de um viés histórico-antropológico, buscam mostrar que a trajetória humana é marcada não só por fatos cruéis e beligerantes, mas também pela compaixão.

Dois artigos nos aproximam da obra de Pierre Bourdieu. Vânia Rita Donádio Araújo apresenta contribuições do pensamento de Bourdieu no campo pedagógico e, mais especificamente, reflexões sobre a natureza do trabalho escolar e as dificuldades concretas da prática pedagógica, focalizando a relação escola/sociedade, cuja ação reproduz as desigualdades sociais. Fundamentada na perspectiva de Bourdieu, a autora ressalta a mudança de rumo do papel da educação como instituição pressupostamente democratizadora e transformadora da sociedade para tornar-se mantenedora e legitimadora de privilégios sociais. Em outro artigo, Jorge Garcia Marín afirma que, no contexto das teorias da reprodução e de sua influência no desenvolvimento dos paradigmas do conflito na sociologia da educação, a análise crítica do sistema educacional e seu importante papel na reprodução sociocultural continuam como temas importantes na hora de abordar a educação. Para Marín, o diálogo com a obra de Bourdieu, principalmente no que diz respeito à reprodução, permite conflitar as relações educacionais, assim como pensar esquemas de ação que sigam políticas contra-hegemônicas.

Dois artigos articulam, dialeticamente, o fazer pedagógico. O primeiro, escrito a quatro mãos pelos professores Maria Iza Pinto Amorim Leite e José Jackson Reis dos Santos, aborda a investigação-ação como práxis coletiva e colaborativa, resgatando o papel social da universidade, cuja função principal é desenvolver e enriquecer o olhar dos sujeitos com ações que visam ao objeto em sua própria fonte histórica. O segundo é uma importante abordagem acerca do ensino-aprendizagem na disciplina história, envolvendo o aluno surdo ou com perda auditiva, e se constitui uma boa contribuição para o alargamento das possibilidades de inserção indiscriminada dos indivíduos no exercício dos seus mais elementares direitos – e a educação se insere aí como um dos principais. Foi escrito pelas professoras Célia Regina Verri e Regina Célia Alegro.

Num instigante artigo, Solange Aparecida Zotti analisa, com base em fontes bibliográficas, a relação entre o contexto socioeconômico e político brasileiro do período colonial – caracterizado por um modelo mercantilista baseado na exploração da mão-de-obra escrava –, a proposta educacional e as propostas curriculares oficiais que ali se desenharam, calcadas na profunda e desmedida depredação da colônia. Denuncia a autora que a lógica desse modelo de educação era a de sedimentar a visão do colonizador, sendo a catequese e a educação da elite seus principais objetivos.

A filosofia não poderia ficar fora deste número da **Práxis**. Wilson da Silva Santos busca articular conceitos oriundos da filosofia deleuzeana no campo da educação popular e suas multiplicidades em conexões produzidas nas mais diversas particularidades, em consonância com a prática social concreta, no artigo “Educação popular rizomática: educação das multiplicidades”.

Em se falando de prática social, Ana Lúcia Castilhana aborda o problema de crianças de 0 a 4 anos num bairro da periferia de Vitória da Conquista, alijadas da Educação Infantil, numa clara denúncia de demanda não atendida nesse setor. No âmbito das políticas públicas, Silvia Regina Marques Jardim e Sidiney Alves Costa analisam parcialmente o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea), na região Sudoeste da Bahia.

O eixo temático deste número da **Práxis** traduz a preocupação característica do Museu Pedagógico da Uesb no que se refere às fontes históricas como elementos fundadores da história e da historiografia da educação no Brasil, mais especificamente da região Centro-Sul do Estado da Bahia. Resgate e conservação, fatores imprescindíveis no fazer história. Acreditamos que sem documentos não há história.

Hoje, com a ampliação da concepção de fontes, a história e a historiografia da educação vêm-se também ampliadas em suas possibilidades investigativas. Assim, no dossiê **Fontes Documentais Para a História da Educação**, buscamos sintetizar, quase numa configuração caleidoscópica, a problemática indissociável do fazer

histórico-historiográfico que é a incessante busca e conservação das fontes históricas. Aqui, a história da educação, como um dos ramos da História que tem conquistado amplos espaços nos últimos 40 anos, é abordada por Antonietta d’Aguar Nunes, no artigo “Fontes para a história da educação”; em “Museu pedagógico: a intervenção acadêmica como ação de preservação de fontes para a história da educação do Centro-Sul da Bahia”, Ana Palmira Casimiro, Livia Diana Magalhães e Ruy Hermann Medeiros delineiam os objetivos-fins do Museu Pedagógico da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; em “Registro em arquivos sobre a indústria de laticínios na região sudoeste da Bahia”, os autores Ana Elizabeth S. Alves, Gilneide de Oliveira Padre Lima e Manoel Nunes Cavalcanti Júnior apresentam uma breve discussão sobre documentos encontrados em arquivos acerca do desenvolvimento da indústria de laticínios e da qualificação profissional realizada pelo Posto Experimental de Laticínios, na região de Vitória da Conquista, Bahia, articulando aspectos do desenvolvimento socioeconômico brasileiro e suas repercussões sobre a economia regional e a educação. Por fim, em “O uso das fontes na pesquisa historiográfica: questões metodológicas iniciais”, Marlete dos Anjos Silva Schaffrath investiga o lugar das fontes na pesquisa historiográfica.

Três relatos de experiência articulam o fazer pedagógico. O primeiro é apresentado por Alcides Leão Santos Junior, que aborda a mobilização das professoras primárias na Bahia, na década de 40, do século XX, e ressalta o papel da mulher – e, nesta, a professora primária como responsável pela criação da Sociedade Unificadora de Professores Primários –, onde objetiva fatos e acontecimentos que marcaram esse movimento por meio da memória dos “sujeitos epistêmicos”. O segundo relato apresenta o projeto de extensão “Filosofia e cinema: estética e racionalidade da imagem”, realizado no ano de 2005, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, estruturado segundo o “conceito-imagem”, fundamentado no que o autor – Clédison Miranda dos Santos – considera a imagem cinematográfica como elemento capaz de sintetizar conceitos de valores universais. No último relato de experiência, as

autoras, Januária Araújo Bertani, Janice Cássia Lando, Inês Angélica Andrade Freire, Roberta D'Ângela Menduni e Márcia Graci de Oliveira Matos trazem à tona reflexões sobre a prática e a teoria no ensino da Matemática segundo a percepção de discentes.

Fechando este número, uma resenha, escrita pelo professor Benedito Eugênio, do livro de Silvio Gallo, **Deleuze e a educação**, nos atualiza acerca de mais uma obra que aborda a filosofia deleuzeana na educação.

Destarte, pensamos que o número 2 da revista **Práxis Educacional** cumpre com o seu papel, relatando a prática social e a teoria, interagindo, pedagogicamente, numa simbiótica e única relação.

José Rubens Mascarenhas de Almeida
pelo Comitê Editorial do Museu Pedagógico da Uesb.